

O NOME DA ROSA, GRANDE ROMANCE DE UMBERTO ECO

José Raimundo Gomes da Cruz
Procurador de Justiça de São Paulo aposentado

Bem no começo do livro, seu autor admite: “esta é uma história de livros, não de misérias quotidianas e a sua leitura pode nos inclinar a recitar, com o grande imitador De Kempis: *In omnibus requiem quaesivi, et nusquam inveni nisi in angulo cum libro*” (Umberto Eco. *O nome da Rosa*. 5. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1983. p. 16).

Minhas melhores leituras têm deixado anotações, em fichas ou nos próprios escritos lidos. Consultando as fichas do romance de Eco, resolvi transcrever os trechos anotados, começando por aquele do parágrafo anterior.

Página 52: “sobraram poucos monges que sabem escrever, que afinal é agora nas cidades que surgem corporações e guildas compostas por seculares que trabalham para as universidades... o povo de Deus está agora voltado aos comércios e às guerras de facção”.

Eco usava, sem traduzir, o latim: “*pictura est laicorum literatura*” (p. 58). Dispensa o dicionário, essa afirmação ainda atual: “a pintura é a literatura dos leigos”. Mas pode alcançar a afirmação usual de que *vale mais uma fotografia do que mil palavras...*

Página 118: “Giovanni Boccadoro disse que Cristo nunca riu” (afirmação de Jorge). Resposta de Guilherme: “Nada em sua natureza humana o impedia.”

Lá vem latim de novo (p, 131): “*Omnis mundi criatura, quasi liber et scriptura...*” Entendi a frase incompleta como “toda criatura do mundo, como o livro e a escrita...” *Liber, -bri* abrange outros escritos. Além de adjetivo – livre –, *liber, -eri* significa velha divindade latina, depois confundida com Baco (1) e vinho (2). Mas também quer dizer “filho” (cf. José Cretella Júnior e Geraldo de Ulhôa Cintra. *Dicionário latino-português*. São Paulo : Cia. Ed. Nacional, 1950).

Pág. 153: “E os reis são mercadores. E a arma deles é o dinheiro. O dinheiro, na Itália, tem uma função diferente daquela do teu país, ou do meu. Por toda parte circula dinheiro, mas boa parte da vida é ainda dominada e regulada pela troca de bens, galinhas ou gavelas de grão, ou um facão, ou uma carroça, e o dinheiro serve pra arranjar esses bens. Terás notado que na cidade italiana, ao contrário, os bens servem para arranjar dinheiro.” (Acrescentei: conferir o texto que se segue).

Página 155: “Como diz um antigo provérbio, três dedos seguram a pena, mas o corpo inteiro trabalha e dói”.

Página 158: Ainda sobre a suposta ausência do riso em Cristo. Guilherme faz a apologia do riso (cf. acima, p. 118): “Os macacos não riem, o riso é próprio do homem, é sinal de sua racionalidade” (em discussão com Jorge)

Página 173: ...“minha ordem tinha conservado intacto o seu poder durante os séculos, justamente em luta contra o clero secular e os mercadores citadinos”.

Página 174: ...“muitos abades beneditinos, para restituir a dignidade ao império contra o governo das cidades (bispos e mercadores unidos), aceitaram também proteger os franciscanos espirituais, dos quais não compartilhavam as idéias, mas cuja presença lhes era oportuna, por oferecer bons silogismos contra o poder excessivo do papa”.

Página 182: “Combato o papa por estar entregando o poder espiritual aos bispos das cidades, que se aliam aos mercadores e às corporações, e não saberão manter a ordem” (fala do abade Abbone) ... “quanto aos hereges, também tenho uma regra, e se resume na resposta que deu Arnaldo Amalrico, abade de Citeaux, a quem lhe perguntava o que fazer dos cidadãos de Béziers, cidade suspeita de heresia: matai-os a todos, Deus reconhecerá os seus”.

Página 196: “Bacon tinha razão em dizer que a conquista do saber passa pelo conhecimento das línguas”.

Página 206: “A ciência usada para ocultar, ao invés de iluminar”.

Página 225: “Por que os judeus?” – Adso perguntou a Salvatore. – E ele respondeu: “E por que não?” (p. 225) “E me explicou que a vida inteira tinha aprendido com os pregadores que os judeus eram os inimigos da cristandade e acumulavam os bens que a eles eram negados. Perguntei-lhe se não era verdade, porém, que os bens eram acumulados pelos senhores e pelos bispos, através dos dízimos, e que portanto os pastorzinhos não estavam combatendo seus verdadeiros inimigos. Respondeu-me que, quando os inimigos verdadeiros são demasiado fortes, é preciso então escolher inimigos mais fracos.” (p. 225) Como observei em certo texto, reli todo o resumo do livro *O Príncipe* de Maquiavel, na convicção de que a última frase era dele. Engano, como se acaba de ver.

Página 236: “leprosos são apenas a figura disposta por Deus para que nós compreendêssemos essa admirável parábola e dizendo ‘leprosos’ compreendêssemos ‘excluídos’, pobres, simples, deserdados, erradicados dos campos, humilhados nas cidades”.

Página 239: “O grande Bonaventura dizia que os sábios devem conduzir à clareza conceitual a verdade implícita nos gestos dos simples”.

Página 320 (repetição). A imagem “da moça bela e terrível como exército disposto para batalha”.

Página 322: “Era como se toda a criação me falasse dela, e desejava, sim, muito, revê-la...” (Adso lembrando sua aventura com a moça, na cozinha da abadia, em noite anterior, quando a possuía) ... “Era, tento agora entender, como se todo o universo mundo, que claramente é como que um livro escrito pelo dedo de Deus, em que cada coisa nos fala da imensa bondade do seu criador ... em que a mais humilde rosa se faz glosa de nosso

caminho terreno, tudo em suma, de outra coisa não falava a não ser do rosto que a custo entrevira nas sombras olorosas da cozinha”.

Página 325: “Vi o cordeiro, a quem foi dado esse nome como reconhecimento da sua pobreza e bondade. Na verdade, o nome *agnus* deriva do fato de que esse animal *agnoscit*, reconhece a própria mãe reconhece a sua voz em meio ao rebanho”.

Página 351: A verdade: Ora, a “verdade, que outra coisa é senão a adequação entre a coisa e o intelecto?”

Página 357: “há doze modos de designar o fogo” ... “eram tempos em que, para esquecer um mundo ruim, os gramáticos se deleitavam com abstrusas questões. Disseram-me” (falava Guilherme) “que naquela época durante quinze dias e quinze noites, os retores Gabundus e Tenentius discutiram sobre o vocativo de *ego*, e finalmente chegaram às vias de fato”.

Página 361: “Os livros não são feitos para acreditarmos neles, mas para serem submetidos a investigações”. “Diante de um livro não devemos nos perguntar o que diz, mas o que quer dizer, idéia que os velhos comentadores dos livros sagrados tiveram claríssima”.

Página 377: “Há palavras que dão poder, outras que deixam mais desamparados, e dessa espécie são as palavras vulgares dos simples, a quem o Senhor não concedeu o saber exprimir-se na língua universal da sabedoria e do poder”.

Página 448: “Bêncio” – disse-me depois Guilherme – “é vítima de uma grande luxúria, que não é a mesma de Berengário, nem do despenseiro. Como muitos estudiosos, tem a luxúria do saber. Do saber para si próprio. Excluído de uma parte desse saber, queria apoderar-se dele. Agora apoderou-se. Malaquias conhecia o seu homem e usou o melhor meio para reaver o livro e selar os lábios de Bêncio. Tu me perguntarás de que serve controlar tanta reserva de saber quando se aceita não colocá-lo à disposição de todos os demais. Mas justamente por isso falei em luxúria. Não era luxúria a sede de conhecimento de Roger Bacon, que queria usar a ciência para fazer mais feliz o povo de Deus e por isso não buscava o saber pelo saber. A de Bêncio é apenas curiosidade insaciável, orgulho do intelecto, um modo como outro, para um monge, de transformar e pacificar os desejos da própria carne, ou o ardor que faz de outrem um guerreiro da fé ou da heresia. Não existe apenas a luxúria da carne. É luxúria a de Bernardo Gui, distorcida luxúria de justiça, que se identifica com a luxúria do poder. É luxúria de riqueza a do nosso santo e não mais romano pontífice. Era luxúria de testemunho e transformação e penitência e morte a do despenseiro quando jovem. E é luxúria de livros a de Bêncio. Como todas as luxúrias, como aquela de Onan, que espargia o próprio sêmen por terra, é luxúria estéril, e não tem nada a ver com o amor, nem mesmo com o carnal.”

Página 448: “O bem de um livro está em ser lido. Um livro é feito de signos que falam de outros signos, os quais por sua vez falam das coisas (pp. 448/449). Sem um olho que o leia, um livro traz signos que não produzem conceitos, e portanto é mudo”.

De passagem observo que este trecho de Eco, assim como aquele da página 361, foram reunidos como epígrafe maior do meu livro *Espinosa, anos 40 – Depoimento de um menino curioso*.

Página 452: “Eu sou aquele que é, disse o Deus dos hebreus. Eu sou o caminho, a verdade e a vida, disse Nosso Senhor. Bem, o saber não é outra coisa senão o atônito comentário dessas duas verdades. Tudo quanto foi dito a mais, foi proferido pelos profetas, pelos evangelistas, pelos padres e pelos doutores para tornar mais claras essas duas sentenças. E muitas vezes um comentário oportuno provém mesmo dos pagãos que as ignoravam, e suas palavras foram assumidas pela tradição cristã. Mas fora disso não há mais nada a dizer. Há que se tornar a meditar, explicar, conservar. Este era e deveria ser o ofício de nossa abadia com sua esplêndida biblioteca – não outro. Conta-se que um califa oriental certo dia pôs fogo na biblioteca de uma cidade famosa e orgulhosa e gloriosa e que, enquanto aqueles milhares de volumes ardiam, disse que eles podiam e deviam desaparecer: porque ou repetiam o que já dizia o corão, e portanto eram inúteis, ou contradiziam o livro sagrado dos infieis, e portanto eram prejudiciais. Os doutores (pp. 452/453) da igreja – e nós com eles – não raciocinaram desse modo. Tudo aquilo que soa como comentário e esclarecimento da escritura deve ser conservado, porque das escrituras divinas aumenta a glória; tudo aquilo que as contradiz não deve ser destruído, porque somente conservando-o poderá ser contradito por sua vez, por quem possa e tenha esse ofício, nos modos e nos tempos que o senhor quiser.” (Página 453)

Página 478: “E tu não fiques muito encantado com essas tecas. Fragmentos da cruz eu vi muitos outros, em outras igrejas. Se todos fossem autênticos, Nosso Senhor não teria sido supliciado sobre duas achas cruzadas, mas sobre uma floresta inteira.”

“Mestre!” disse escandalizado.

“É assim, Adso. E há tesouros mais ricos ainda. Faz tempo, na catedral de Colônia, vi o crânio de João Batista aos doze anos de idade.”

“Verdade?” exclamei admirado. Depois, invadido por uma dúvida: “Mas o Batista foi morto em idade mais avançada!”

“O outro crânio deve estar em outro tesouro”, disse Guilherme com rosto sério. Não entendia nunca quando estava zombando. Nas minhas terras, quando se brinca, se diz uma coisa e depois se ri com muito barulho, de modo que todos participem da brincadeira. Guilherme, ao contrário, ria só quando dizia coisas sérias, e se mantinha seriíssimo quando presumivelmente estava zombando.” (página 478)